

ARQUITETURA SACRA NA CONFIGURAÇÃO DA PAISAGEM URBANA: A REALIDADE DE JOÃO PESSOA – PB

Macielle Nóbrega Dua
maciellenobrega@hotmail.c

Fundada no final do século XVI, ao dia 5 de agosto de 1585, durante o antigo sistema colonial e a terceira fase de colonização no Brasil, a cidade de João Pessoa surgiu às margens do Rio Sanhauá, entre a várzea e a colina, com o nome de Nossa Senhora das Neves (SILVA, 1995, p.21) . Por questões de controle e de defesa, passa a ocupar o alto da colina, de onde era possível proteger a entrada de invasores pelo Rio. Segundo Zanini (1983, p.103) “a escolha de um sítio elevado dominando um estuário bem como os dificultosos caminhos de terra forma uma característica das cidades portuguesas, levado a todo o seu mundo colonial”.

Posteriormente a população passa a ocupar a parte leste da cidade, chegando à praia, séculos mais tarde. Assim definem-se as áreas integrantes da cidade, desde o início da sua ocupação, como: Cidade Baixa – núcleo inicial da cidade, primeira ocupação às margens do rio Sanhauá; Cidade Alta - segunda ocupação, centro religioso e político, que continha as principais residências; e Praias - expansão da cidade, equivalente a terceira ocupação.

Para intensificar a defesa da cidade, foi contruído o forte do Varadouro, ao lado da colina, próximo à rua que se chama Ladeira de São Francisco que, juntamente com mais duas trilhas, fazia a ligação entre a cidade baixa, onde estava situado o antigo Porto do Capim e a Capela de Nossa Senhora das Neves, na cidade alta. (SILVA, 1995, p.22).

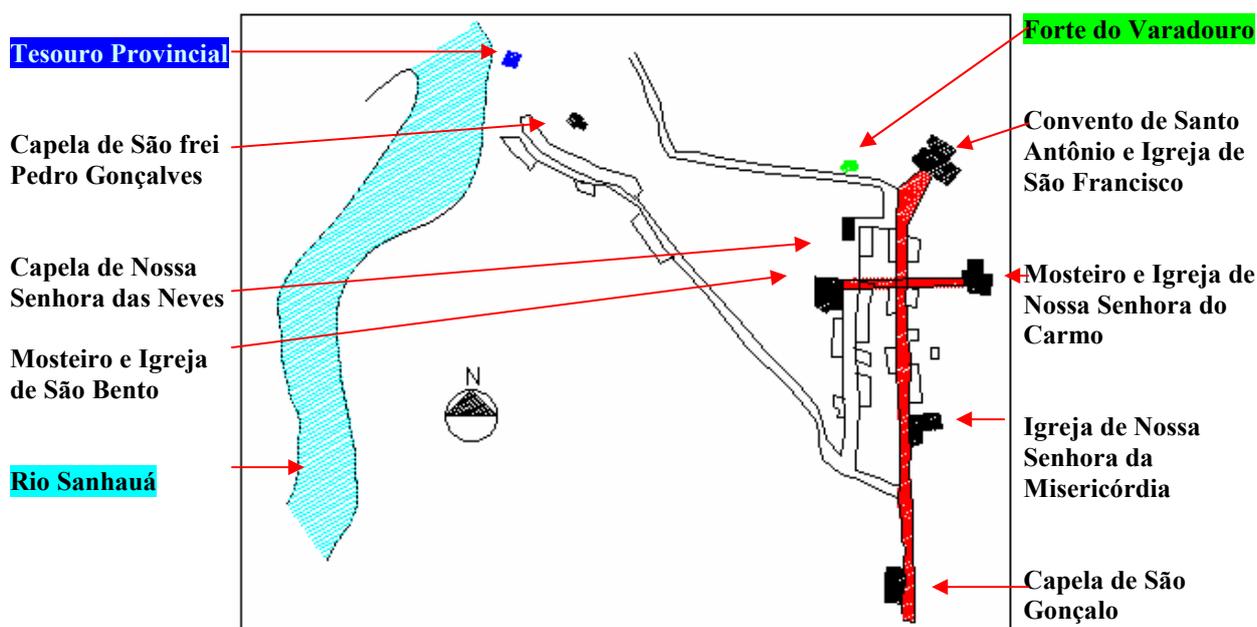
Após um período de conflitos, em 1588, a cidade passa a possuir mais uma rua, a Rua Nova, onde estava situada a Capela de Nossa Senhora das Neves. Mais tarde, em 1612, a Casa de Câmara e a cadeia, situados, também, na Rua Nova foram transferidas para o Largo do Erário, atualmente Praça Rio Branco. Os terrenos onde estavam situadas essas construções foram adquiridos pelos frades de São Bento, que construiriam o pequeno Mosteiro de São

Bento. Os franciscanos também receberam um terreno na cidade alta, dando início à terceira rua em 1589, a Rua Direita, que possuía direção axial e contínua a caminho de Recife.

Os jesuítas, presentes na cidade desde sua fundação, construíram a capela de São Gonçalo, localizada na parte sul da cidade, junto a uma pequena tribo dos índios tabajaras. (BARBOSA, 1994, p 138).

Sob domínio espanhol, a então Filipéia de Nossa Senhora das Neves prosperava após guerras; as construções aumentaram e, entre 1600 e 1630, foram construídos o Mosteiro Carmelita e a igreja da Misericórdia, expandindo a cidade no sentido Leste e Sul, consolidando o Bairro de Tambiá (SILVA, 1995, p.24). Foi construída também a capela de São Frei Pedro Gonçalves (1692), na cidade baixa.

Com um traçado regular e xadrez, característico das cidade de colonização portuguesa, (ZANINI, 1983, p.116) a malha urbana da cidade, nesse momento, encontrava-se delimitada pela capela de Nossa Senhora das Neves e Mosteiro de São Bento (Oeste), Igreja da Misericórdia e a Capela de São Gonçalo (Sul), Igreja de São Francisco (Norte) e Mosteiro de Nossa Senhora do Carmo (Leste). As igrejas encontram-se distribuídas de tal maneira a formar uma cruz latina na malha urbana (MAPA 01).



MAPA 01: -Malha Urbana séc. XVII

As igrejas, mesmo quando eram pequenas capelas ou só possuíam o terreno onde iriam erguer-se, traçavam ruas, delimitando a cidade. Essa influência da Igreja no traçado urbano vem desde o século XIII, quando a partir da Catedral ao centro, eram traçadas linhas perpendiculares, formando os quatro pontos cardeais e o crucifixo, tomando como símbolo Roma e Jerusalém. Já nas cidades medievais, as igrejas formavam uma cruz latina, representando "a cabeça, os braços e os pés de Cristo" (BRANDÃO, 2001, p.41).

Os holandeses invadem a cidade por volta de 1634, modificando seu nome para Frederica, fazendo com que alguns habitantes fugissem para o interior. Utilizaram o Mosteiro de São Bento e a Igreja de São Francisco como locais de defesa devido à posição estratégica dessas edificações. Quando os jesuítas expulsaram os holandeses em 1654, a cidade começa a aumentar sua população, provocando grandes mudanças na constituição urbana (MUNIZ, 1985, p.46), passando a se chamar de Parahyba.

Devido ao período de turbulência instalado na cidade com a ocupação holandesa foi



Foto 01- Rua Direita, atual Duque de Caixas, vendo-se a igreja do Rosário dos Pretos. (1920)
Fonte: acervo Humberto Nóbrega

necessário, após a expulsão, instaurar o processo de sua recuperação com a retomada da economia açucareira, assim como a conclusão das edificações que foram paralisadas durante a ocupação holandesa (SILVA, 1995, p.22).

No século XVIII são iniciadas também várias obras de construções de igrejas: no ano de 1728 foi construída a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (foto 04) que já possuía uma pequena capela onde foi erguida a igreja de Nossa Senhora do Carmo (BARBOSA, 1994), e em 1741, a igreja Nossa Senhora das Mercês, assim como a terceira reconstrução da igreja de Nossa Senhora das Neves.

Os Jesuítas, após terem sido expulsos pela segunda vez, retornam em 1708 e iniciam a construção de um colégio e da residência dos padres. Em 1754, junto ao colégio, constroem a igreja da Conceição localizada na extensão da Rua Direita. (BARBOSA, 1994)



Foto 03-Conjunto Jesuíta – 1878
Fonte: acervo Humberto Nóbrega

Em 1760 o conjunto passou a abrigar instalações militares e a administração da capitania, separados pela igreja. Com a saída dos militares para a Cidade Baixa, o convento serviu como Escola Normal. (SILVA, 1995, p.24).

Com a criação da Companhia de Comércio de Pernambuco e Paraíba, em 1755, a cidade de João Pessoa fica anexada a Pernambuco, o que impediu seu crescimento no séc. XVIII, permanecendo sem grandes modificações até o séc. XIX. Podemos destacar como desenvolvimento nesse período, a construção da igreja de Nosso Senhor do Bonfim¹ (1799) no bairro de Jaguaribe (ARAÚJO, 2004).

Já na segunda metade do século XIX, após rompimento com Pernambuco, foi iniciada a cultura algodoeira. Com a política de modernização do capital inglês são instauradas obras de infra-estrutura, o Porto do Capim recebe incentivos consolidando assim, a cidade baixa como centro comercial: iniciando transformação da cidade, inserindo características urbanas, tais como: pavimentação de ruas e esgotamento sanitário.

Podemos destacar, nesse século, a construção do hotel globo, o quartel da polícia e o hospital e a cadeia nova.

¹ Atual igreja de Lourdes

O bairro de Jaguaribe, que já possuía igreja, recebeu uma obra pública que foi “A Balaustrada das Trincheiras” (foto 04), incentivando a ocupação do novo bairro, estendendo os “limites da capital ainda mais para sul, em direção a Recife”. Assim, residências de alto padrão começaram a ser construídas, ocupando os lotes de “sítios e fazendas que margeavam a área urbanizada”, compondo a Av. das Trincheiras que nesse momento, chegava até a igreja de Nosso Senhor do Bonfim (COUTINHO, 2004).

A igreja de São Frei Pedro Gonçalves teve sua construção definitiva iniciada em 1843 e juntamente com a visita do imperador (1859), iniciam-se reformas, inserindo a idéia de modernização. “Pode - se dizer que foi a partir do final do século XIX que a cidade começou a fazer maquiagens urbanas em sua face rural”. (SILVA, 1995, p.36)

A igreja de Nossa Senhora das Neves é mais uma vez ampliação, em 1878, passando a compor na cidade um total de oito igrejas e três conventos.

Devido à implantação do sistema de bonde à tração animal em 1896, governo de Álvaro Machado / Walfredo Leal, ocorrem mudanças na configuração da cidade e surge a possibilidade de expansão, pois era possível vencer maiores distâncias.

Sob os governos Gama e Melo (1896-1900) e José Peregrino (1900-1904) o sistema se ampliou chegando a Rua das Trincheiras, ao sul, e ao bairro de Tambiá, em direção leste. Com a criação da Companhia Ferro-Carril da Parahyba em 1897, inicia-se o processo de desenvolvimento urbano, com a expansão da cidade para o mar. “Portanto ponto de partida para a praia de Tambaú, que viria a ter no governo seguinte (Walfredo Leal de 1904-1908), a Ferrovia Tambaú, assinalando de forma definitiva a expansão da cidade naquela direção” (SILVA, 1995, p.43).

A partir do século XX, a iniciativa pública passou a investir mais na cidade e as mudanças foram ocorrendo de acordo com os administradores que sucederam. Em 1908, no

Governo de João Machado, foi aberta uma Avenida com seu nome e estabelecidos os serviços de abastecimento de água.

Muitas casas e igrejas tiveram suas fachadas alteradas e outras igrejas foram demolidas para aberturas de vias e praças e, posteriormente, foram construídas em outros locais, como é o caso da Igreja Mãe dos Homens (foto 04), e a Igreja das Mercês (foto 05).

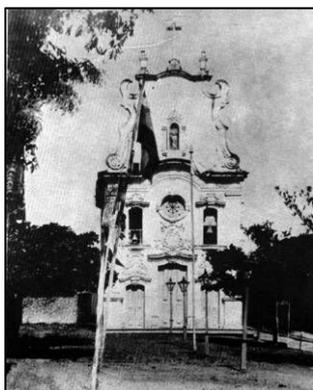


Foto 04- 1912 - Igreja Mãe dos Homens demolida em 1924.
Fonte: acervo Humberto Nóbrega



Foto 05- 1910 – Antigo Pátio das Mercês
Fonte: acervo Humberto Nóbrega

O conjunto jesuíta passou a ser como Liceu Paraibano, atualmente a Faculdade de Direito da Universidade Federal da Paraíba e a igreja foi demolida, restando apenas a torre sineira (foto 06) (SILVA, 1995, p.24).



Foto 06- Faculdade de Direito da UFPB
Fonte: acervo Humberto Nóbrega

Já com Camilo de Holanda (1916 a 1920) a cidade ganha obras de prolongamento de ruas, calçamentos e abertura de avenidas e praças. Surgiu daí a necessidade de construção de um porto, que provocou, em 1918, a abertura de uma via de ligação entre o centro e a orla. Devido a impossibilidades técnicas, não foi viável a construção do porto, onde hoje é a praia do bairro de Tambaú.

No governo de Sólón de Lucena (1920 a 1924), é iniciado o saneamento do Parque Sólón de Lucena; no governo seguinte, a Lagoa é urbanizada, e o governador Guedes Pereira

abre também a Av. Maximiniano de Figueiredo. O saneamento da Lagoa foi concluído no governo de João Suassuna (1924 a 1928), com o projeto de Saturnino de Brito.

Paralelamente, o bairro de Jaguaribe, assim como tantos outros em crescimento, passou a necessitar de uma igreja, pois a pequena capela de Nossa Senhora do Rosário não abrigava

mais a quantidade de féis do bairro e logo foi construída a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, para atender aos fiéis dos bairros de Jaguaribe e de Cruz das Armas.



Foto 07- Lagoa década de 30
Fonte: acervo Humberto Nóbrega

Na década de 30, com a arquitetura eclética em voga, a cidade passou por grandes obras públicas e com o assassinato de João Pessoa, a cidade passa a ser homenageada com seu nome.

Em 1933, a via de ligação, entre a cidade e o mar, foi transformada na Avenida Epitácio Pessoa (foto 07), dando origem aos bairros que correspondem a Tambaú e Cabo

Branco. Posteriormente, a avenida foi calçada e beneficiada com os bondes e, em seguida, ônibus e lotação, tornando mais fácil o acesso à orla, fatos que marcam a expansão urbana em



Foto 08- Av. Epitácio Pessoa – Centro - Praia
Fonte: acervo Marco Antônio Coutinho

direção ao mar. As fazendas e sítios localizados a “margem do percurso da Ferrovia Tambaú, iniciariam um processo de valorização que os levaria, mais tarde, à criação de vários dos atuais bairros no percurso entre o Centro e a praia.

Novos caminhos surgiriam aproximando as até então isoladas populações rurais do lugar.”(COUTINHO, 2004)

É importante destacar que a expansão se deu em direção à orla marítima devido também à existência de barreiras naturais como: os rios Sanhauá e o Paraíba (ao Nordeste), a Mata do Buraquinho e o Vale do Jaguaribe (ao Sudeste) e ainda pelas presenças das cidades de Bayeux e Santa Rita (ao Oeste) (SILVA, 1995, p.51).

Desde a década de 1910, quando “a cidade experimentava uma mudança saindo de uma ordem social religiosa para uma ordem laica, em função do recém nascido estado republicano” (1995 p.43), as igrejas não mais sugerem o caminho para o desenvolvimento urbano.

As igrejas passam a ser construídas devido à necessidade dos fieis que povoam os bairros recém criados. É o caso da igreja do Rosário, construída em Jaguaribe (1940), a igreja de Santo Antônio (1940), bairro de Tambaú (antigo bairro de Santo Antônio) e posteriormente, a



Foto 09. Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora –2005
Fonte: acervo Macielle Nóbrega

igreja de Nossa Senhora de Fátima (1964) em Miramar e Santa Julia na Torre.

No bairro do Bessa (antigo São Gonçalo), limite Norte com a cidade de Cabedelo, a construção das igrejas acompanhou o rápido processo de ocupação pelo qual o bairro passou. Destacamos a Matriz de Nossa Senhora Auxiliadora (foto 09), construída em 1995.

Por fim, destacamos a igreja de São Pedro Pescador, em Manaíra (antigo Maceió), concluída em 2004, que mesmo não sendo a primeira construção de igreja católica do bairro, trata-se de um exemplar da arquitetura sacro-romana contemporânea.